

UMA REPRESENTAÇÃO CONSTRUCIONISTA DOS ADJETIVOS ADVERBIAIS E AS SUAS SEMÂNTICAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

A CONSTRUCTIONIST REPRESENTATION OF ADVERBIAL ADJECTIVES AND THEIR SEMANTICS IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Diogo Pinheiro¹

Sara Adelino²

RESUMO

Este artigo apresenta uma análise dos adjetivos adverbiais no português brasileiro. Pelas lentes da Gramática de Construções Baseada no Uso e da Teoria dos Exemplares, propomos uma representação da rede da Construção de Adjetivo Adverbial (CAA). Dado que dependendo do tipo de modificador verbal, algumas sentenças são aparentemente intercambiáveis em alguns contextos, mas únicos em outros, hipotetizamos que essas semelhanças e diferenças são representadas por um nível intermediário composto por classes semânticas licenciadoras dos itens adverbiais. Uma minuciosa análise qualitativo-interpretativa, realizada a partir de dados coletados em *corpora*, permitiu identificar oito classes semânticas, que representam oito construções no nível intermediário. Desse modo, este estudo argumenta a favor da existência de classes semânticas específicas à CAA, sendo capazes de influenciar a seleção e licenciar itens adverbiais.

PALAVRAS-CHAVE: Adjetivo adverbial. Semântica. Gramática de Construções Baseada no Uso.

ABSTRACT

This paper presents an analysis of adverbial adjectives in Brazilian Portuguese. Through the lens of Usage Based Construction Grammar and Exemplar Theory, we propose a semantic representation for the Adverbial Adjective Construction (AAC). Since, depending on the type of modifier root, some items are interchangeable in some contexts, but not in others, we hypothesize that these similarities and differences are represented in the architecture by an intermediated level made up of semantic classes licensing the adverbial items. A thorough qualitative-interpretative analysis, based on data extracted from different corpora, made it possible to identify eight semantic classes representing eight constructions at the intermediate level. Thus, this study claims that semantic classes specific to the AAC should be posited, which influence the selection and licensing of adverbial items.

KEYWORDS: Adverbial adjective. Semantics. Usage Based Construction Grammar.

1. Introdução

No português brasileiro (PB), há diversas estratégias de modificação verbal com semântica de modo, incluindo o uso de adjetivos adverbiais (AAs) (“faz rápido”), formas com sufixo “-mente” (X-M) (“faz rapidamente”), sintagmas preposicionados (“faz com rapidez”) e verbos no gerúndio

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), diogopinheiro@letras.ufrj.br, <https://orcid.org/0000-0003-2403-5040>.

² Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), smaadelino@gmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-0810-0343>.

(“faz correndo”). Em alguns casos, como nos exemplos apresentados, as estratégias parecem intercambiáveis. Nem sempre, porém, isso é verdadeiro. Por exemplo, se cotejarmos as formas adjetivais com aquelas que exibem o sufixo -mente, observaremos três cenários distintos: (i) casos exclusivos para modificadores com sufixo “-mente” ou com forma adjetival; (ii) contextos em que ambos os modificadores são possíveis, mas com diferenças semânticas; (iii) casos em que ambos os modificadores parecem veicular o mesmo valor semântico. Esses três cenários estão ilustrados a seguir:

- (1) Exclusividade do adjetivo adverbial ou do X-M
 - a. Cortei bonito. (*Corpus C-Oral Brasil*³)
 - a'. *Cortei bonitamente.
 - b. *Uma coleta de dados para observar experimental o efeito de uma intervenção pedagógica [...].
 - b'. Uma coleta de dados para observar experimentalmente o efeito de uma intervenção pedagógica [...]. (*Corpus Brasileiro*)
- (2) Substituição implicando mudança semântica:
 - a. [...] como se verá mais adiante se relaciona direto com o tribunal [...].
 - a'. [...] como se verá mais adiante se relaciona diretamente com o tribunal [...]. (*Corpus Brasileiro*)
- (3) Substituição sem aparente alteração de significado:
 - a. Era divertido porque aprendíamos as coisas rápido.
 - a'. Era divertido porque aprendíamos as coisas rapidamente. (*Corpo Museu da Pessoa*)
 - b. [...] aqueles que tendiam fácil para o fanatismo [...].
 - b'. [...] aqueles que tendiam facilmente para o fanatismo [...]. (*Corpus Brasileiro*)

Nas sentenças em (1a) e (1a'), há exclusividade à forma adjetival, dado que VERBO + BONITAMENTE é agramatical. Já em (2b) e (2b'), há o contrário: “experimentalmente” é aceitável como modificador verbal, mas “experimental” não o é. Em (2), os modificadores com o radical “diret-” descrevem cenas não necessariamente idênticas: enquanto o exemplo (2a) tanto denota um percurso sem obstáculo quanto indica continuidade temporal (a relação com o tribunal se dá sem intermediários ou de forma contínua), a sentença (2a') evoca apenas a leitura de retilinearidade (existe uma relação não mediada com o tribunal). Por fim, em (3), temos o último caso descrito: cenários em que o uso de um adjetivo adverbial (AA) ou de um advérbio com -mente (X-M) parece não provocar mudanças de sentido relativas à cena descrita.

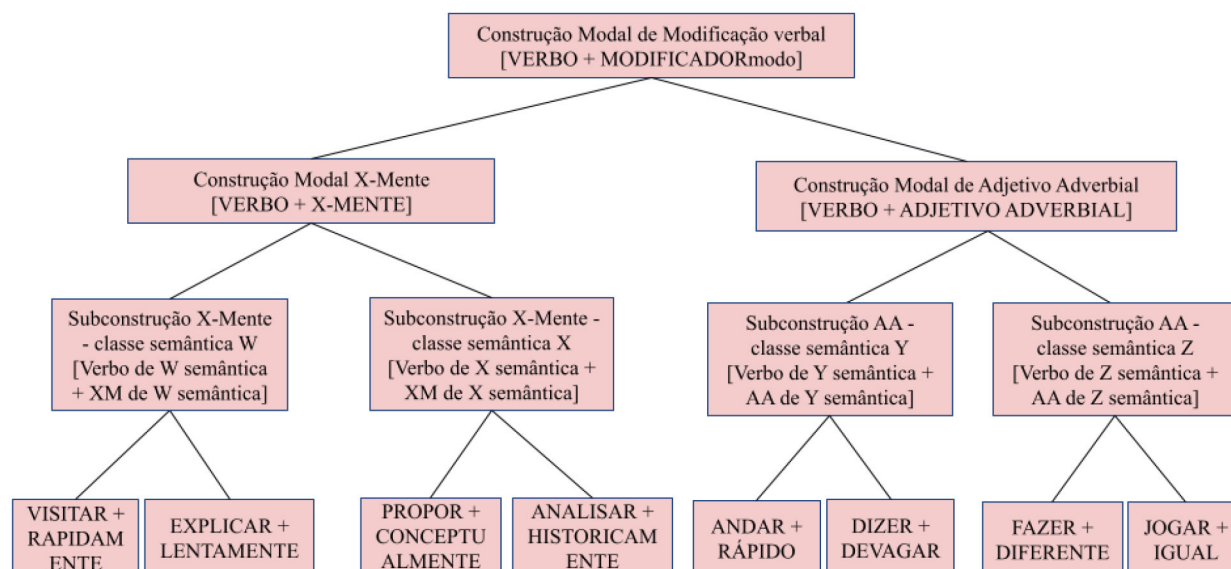
³ Os exemplos que apresentam indicação de um *corpus* entre parênteses correspondem aos dados obtidos durante a fase de coleta de dados desta pesquisa. Esses *corpora* serão apresentados na seção de metodologia. No entanto, os exemplos sem indicação de um *corpus* são sentenças modificadas a partir dos dados coletados ou inventadas para ilustrar o fenômeno descrito.

Há diversas pesquisas e pesquisadores empenhados em explicar as distinções e similitudes entre esses dois tipos de advérbios, tanto sincronicamente quanto diacronicamente (cf. Cumán (2022), Hummel (2013a, 2013b), Campos (2013) e Moraes Pinto (2008)), seja em português brasileiro (PB) seja em outras línguas e variedades (cf. Hummel (2003) para diversas línguas românicas, Santos (2018) para o inglês e Assunção Júnior (2022) para português europeu). Sobre os adjetivos adverbiais em PB, muitas análises formalistas e funcionalistas se dedicaram a dar um panorama descritivo das características aparentes e subjacentes, em especial quanto a preferência por verbos intransitivos e ausência proeminente de elementos intervenientes (Hummel, 2002, 2003, 2013a, 2013b; Foltran, 2010; Barbosa, 2006; Virgínio, 2016, 2018; Tiradentes, 2018, 2021; Campos, 2019), a flutuação categorial do advérbio em forma de adjetivo (Lobato, 2008), a preferência por foco exclusivo (Virgínio, 2016, 2018; Tiradentes, 2021), a alta frequência de verbos do tipo material preenchendo o *slot* verbal (Barbosa, 2006; Tiradentes, 2018, 2021), a alta frequência de adjetivos adverbiais do tipo grau dimensivo e avaliativo (Tiradentes, 2021), a correlação semântica entre os itens preenchedores do *slot* verbal e os itens preenchedores do *slot* adverbial (Campos, 2019).

Esses estudos se voltaram fortemente para o aspecto formal do AA, sendo as análises semânticas e pragmáticas menos numerosas e ainda incipientes quanto à representação do conhecimento subjacente do falante. Diante do estado da arte dos adjetivos adverbiais e da nossa análise preliminar apresentada anteriormente, a pergunta que continua sem resposta e, por isso, motiva este estudo é: como explicar o licenciamento ou não licenciamento de adjetivos adverbiais, como estratégias de modificação verbal, nas diferentes situações? Dito de outro modo, por que, por exemplo, “aprender rapidamente” é possível, mas “cortar bonitamente” não o é? E, em que medida, esse (não) licenciamento se ilustra no conhecimento do falante de PB?

Nossa hipótese de trabalho é a de que, embora AAs possam expressar uma gama de significados associados à ideia de modo (como, por exemplo, o significado associado a “rápido”), eles não podem expressar *todos* os possíveis valores associáveis a esse domínio semântico. À luz da Gramática de Construções, modelo teórico a ser adotado aqui e detalhado na próxima seção, a perspectiva proposta pela nossa hipótese significa que uma construção altamente geral de adjetivo adverbial deverá estar ligada a um conjunto específico de subconstruções particulares⁴, cada uma delas associadas a um valor semântico próprio. Dessa maneira, a presença de certas subconstruções (e, conseqüentemente, de determinados valores semânticos) *licencia* certos usos de AAs, ao passo que a ausência de certas construções (e, conseqüentemente, de determinados valores semânticos) *impede* certos usos de AAs. Essa ideia geral pode ser representada por meio do seguinte esquema:

⁴ Aqui e no esquema na figura 1, como se vê, é usado o termo “subconstrução”. Neste estudo, e em muitos outros lugares (ver, por exemplo, Goldberg e Jackendoff (2004) e Goldberg e Giudice (2005)), o prefixo “sub” indica simplesmente que se trata de uma construção subordinada a outra em uma rede hierárquica. Neste caso particular, o prefixo é empregado, de maneira didática, para distinguir explicitamente dois níveis de construções de X-mente, de um lado, e de construções de AA, de outro. A rigor, no entanto, todas as construções a partir do segundo nível da rede (de cima para baixo) são subconstruções (nesse recorte específico do *constructicon*).

Figura 1: Representação esquemática da hipótese do estudo

Fonte: Elaboração dos autores.

No nível mais alto da arquitetura, está a construção mais abstrata, que consiste em Verbo + Modificador, tendo o modificador valor de modo. Logo abaixo, estão as estruturas abstratas específicas a cada tipo de modificador (Verbo + Advérbio X-mente e Verbo + Adjetivo Adverbial). Já em um nível medial da arquitetura, estão presentes as sequências responsáveis por captar as restrições semânticas às quais, segundo nossa hipótese mais geral, estariam submetidos esses modificadores; assim, nesse nível, cada subconstrução corresponde a uma classe semântica possível para AAs e a uma classe semântica possível para X-Ms, a depender do tipo de modificador com as quais se relaciona. Por fim, mais abaixo estão as subconstruções com os modificadores concretos, como VISITAR RAPIDAMENTE e ANDAR RÁPIDO⁵.

Este artigo se concentra, como sugere o seu título, no lado direito da representação acima – isto é, ele busca desvelar, especificamente, a representação semântica da rede de construções de adjetivo adverbial. Para isso, adota-se um método indutivo baseado em análise qualitativo-interpretativa de dados extraídos de *corpora*. Na prática, isso significa que nos baseamos na leitura minuciosa de todos os dados obtidos por meio de *corpora* eletrônicos⁶ para, nesta ordem, (i) agrupar exemplares (entendidos como sequências VERBO + MODIFICADOR) por *clusters* semânticos, correspondentes ao nível mais baixo da figura 1; e (ii) postular, com base nesses *clusters*, classes semânticas particulares, correspondentes às subconstruções presentes no segundo nível mais baixo da figura 1.

⁵ Vale reforçar que essa representação é meramente ilustrativa. O número e o tipo de classes semânticas (no terceiro nível, de cima para baixo), bem como os agrupamentos de exemplos concretos (no quarto nível, de cima para baixo), são uma questão empírica – precisamente a questão empírica sobre a qual este artigo se debruça.

⁶ Isto é, trata-se da técnica frequentemente referida, na literatura em linguística de *corpus*, como *close reading* (leitura atenta) das linhas de concordância.

Este artigo está organizado como segue. Na seção 2, apresentamos, brevemente, a Gramática de Construções e a Teoria dos Exemplos – os dois arcabouços teóricos mobilizados para a presente análise. Na seção 3, detalhamos nossa metodologia. Na seção 4, apresentamos nossos resultados e a proposta de representação de rede de adjetivos adverbiais. Por fim, as considerações finais sintetizam nossas descobertas e explicitam os desafios futuros.

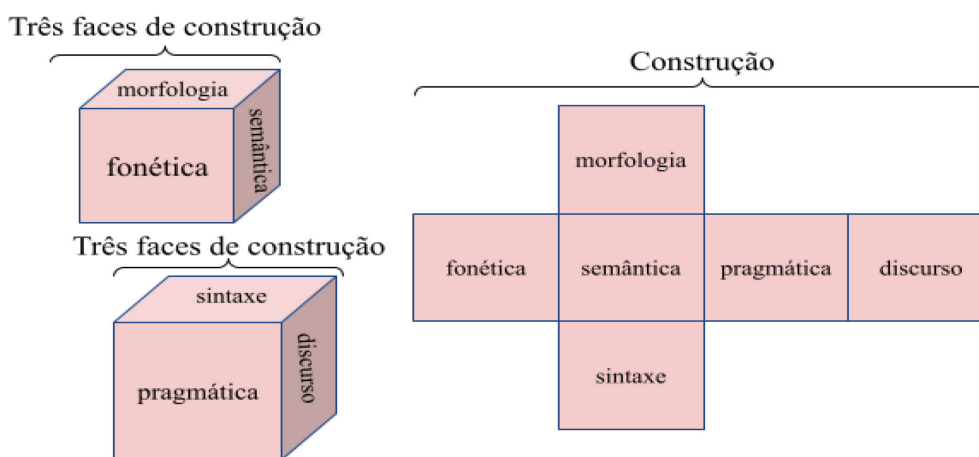
2. Arcabouços teóricos

Para elucidar a Construção de Adjetivo Adverbial e examinar a hipótese central deste estudo, adotaremos a Gramática de Construções (GC), especificamente em sua vertente funcional-cognitiva orientada pelo uso, referida como Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU). Complementarmente, recorreremos à Teoria dos Exemplos (TE), uma abordagem fundamental que guia nossas análises e descrições do objeto de estudo.

A GC se fundamenta no princípio de que as *construções gramaticais*, entendidas como pareamentos de forma e função, constituem a totalidade do conhecimento linguístico do falante⁷. Esse conhecimento é visto como uma rede estruturada de construções hierarquicamente organizadas que variam em grau de abstração e especificidade. Nesta perspectiva, as construções mais específicas, como expressões idiomáticas, e as mais abstratas, como padrões sintáticos gerais, coexistem em uma relação dinâmica de subtipificação.

Para exemplificar visualmente o conhecimento linguístico segundo a GC, observem-se as imagens na figura 2, nas quais uma construção gramatical pode ser ilustrada como um cubo. Portanto, assim como a intrinsecidade do cubo está na existência das seis faces interconectadas entre si, uma construção gramatical é composta por um tipo de especificação gramatical inerente a ela.

Figura 2: Uma construção é como um cubo

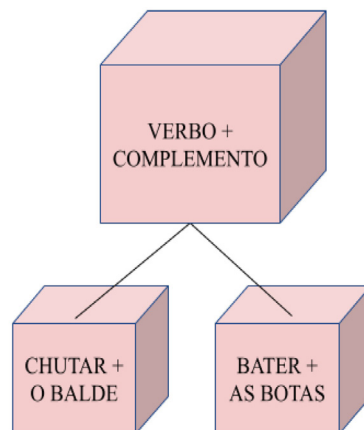


Fonte: Elaboração dos autores

⁷ Embora essa seja uma formulação comum no campo da Gramática de Construções, vale notar que, a rigor, o conhecimento linguístico do falante deve incluir, ainda, habilidades fundamentais ao armazenamento e processamento linguístico, como combinar ou integrar construções.

Para além do elemento linguístico, a arquitetura do conhecimento linguístico segundo a GC apresenta cada nó dessa rede não só como composto por diversas faces, como se fosse um cubo, mas também interagindo relacionamente com os outros, como é possível compreender a partir da figura 3:

Figura 3: Representação taxonômica parcial da Construção Verbo + Complemento por cubos.



Fonte: Elaboração dos autores.

Como ilustrado por CHUTAR O BALDE e BATER AS BOTAS na figura 3, as construções que compartilham o mesmo grau de preenchimento tendem a ser representadas no mesmo nível na rede construcional. Por sua vez, as construções que se diferenciam quanto ao grau de preenchimento e apresentam uma relação de categoria/membro se situam em níveis distintos, como CHUTAR O BALDE, de um lado, e VERBO + COMPLEMENTO, de outro.

Vale dizer, contudo, que a GC está longe de se constituir como um arcabouço homogêneo. Há diversas abordagens construcionistas, que, de maneira geral, a agrupam em duas grandes categorias: as formalistas e as funcional-cognitivistas. Neste estudo, adotaremos a chamada Gramática de Construções Baseada no Uso (GCBU), cuja ênfase se dá na estruturação e no processamento do conhecimento linguístico a partir da experiência linguística do falante e dos processos cognitivos gerais – como a categorização, o *chunking*, a memória rica, a analogia e a associação transmodal (Bybee, 2010). Postula-se que o aprendizado e o uso da língua são orientados por tais processos, sem a necessidade de um módulo linguístico específico. Além disso, a frequência de ocorrência e a experiência direta com a língua desempenham papéis cruciais na saliência e na organização das construções dentro da rede subjacente do falante.

Esses princípios também orientam, em grande medida, a Teoria dos Exemplos (TE), o segundo arcabouço teórico mobilizado neste estudo. Oriunda da psicologia cognitiva e adaptada para a linguística originalmente para dar conta do sistema sonoro (Johnson, 1996), a TE oferece uma visão de como padrões linguísticos são armazenados. Propõe-se que o conhecimento linguístico seja composto por agrupamentos de exemplos (*clusters*) que se formam com base em traços comuns, tanto formais quanto funcionais. A teoria prevê também que itens muito frequentes tendem a ser mais

acessíveis, por terem sido reforçados pela experiência linguística no conhecimento (Johnson, 1996; Pierrehumbert, 2001; Bybee, 2005; Bybee; Eddington, 2006).

Portanto, tanto a GCBU quanto a TE propõem que o conhecimento linguístico é construído a partir da experiência, com base em habilidades cognitivas gerais, e que esse conhecimento representa os graus de semelhança e diferença entre os itens que o compõem.

3. Metodologia

Para a análise, recorreremos à base de dados do projeto AC/DC do LINGUECA.PT, uma plataforma que disponibiliza diversos *corpora* online e anotados em língua portuguesa. Adotamos quatro deles para este estudo: Corpus Brasileiro (CB), Museu da Pessoa (MP), C-Oral-Brasil (COB) e NILC/São Carlos (NILC).

O CB é composto por cerca de um bilhão de palavras do PB, distribuídas em diversos gêneros textuais (acadêmicos, roteiros, Wikipédia, técnicos, narração esportiva, revistas, entrevistas, dentre outros⁸). Já o MP consiste em um acervo de transcrições de entrevistas realizadas pelo Núcleo Português do Museu da Pessoa e é composto por quase um milhão e meio de palavras tanto em português brasileiro quanto em português europeu. O COB é um acervo de 263 mil palavras com “textos orais produzidos em contexto natural” (Raso; Mello, 2012), enquanto o NILC é composto de cerca de 34 milhões de palavras presentes em textos jornalísticos, didáticos, epistolares e de alunos.

Para a extração de dados, recorreremos aos seguintes comandos: [pos=“V”] [pos=“ADJ”] e [pos=“V”] [pos=“ADV”], que apresentam sentenças com adjetivos/advérbios logo após verbos. Os resultados dessa busca foram revisados manualmente, a fim de excluir dados irrelevantes (como formas adjetivais que não funcionam como modificadores verbais, elementos adverbiais que não têm forma adjetival, etc.)⁹. Ao final, obtivemos 280 dados válidos que se distribuem em 184 sequências V + AA (ambos os *slots* preenchidos). Já os itens verbais foram 111 e os adverbiais, 34.

Com a coleta de dados feita, o passo seguinte foi a análise do tipo qualitativo-interpretativo, isto é, com base no nosso julgamento introspectivo de falante, identificamos semelhanças entre os exemplares da CAA, de modo a fazer emergir grupos semânticos com potencial restritivo. A partir desse mapeamento, foi possível propor um modelo representacional do conhecimento linguístico do falante quanto a essa construção.

⁸ Respeitamos a escolha terminológica presente na plataforma do *corpus*.

⁹ É possível que o comando adotado tenha deixado de fornecer dados que seriam pertinentes a este estudo – em particular, estruturas que apresentassem elementos intervenientes (intensificador ou complemento verbal, por exemplo) entre o verbo e o adjetivo adverbial. No entanto, mesmo que esses dados fossem abrangidos pela nossa busca, uma importante limitação da plataforma é o fato de que apenas são disponibilizados aleatoriamente 5000 dados do total de resultados. Considerando essa restrição, bem como o fato de que, dados os nossos objetivos, a diversidade de AAs (frequência *type*) é mais importante do que sua quantidade (frequência *token*), optamos por não adotar um comando mais abrangente. Afinal, haveria o risco de que esse comando gerasse a inclusão, entre os 5 mil dados mostrados, de uma proporção ainda maior de dados irrelevantes, assim “escondendo” uma proporção ainda mais elevada de dados relevantes.

4. Análise e proposta de representação

Nesta seção, procedemos à exposição das análises empregadas na detecção das categorias semânticas inerentes à Construção de Adjetivo Adverbial. Nas subseções a seguir, a nossa análise qualitativa é apresentada seguindo as categorias semânticas mais amplas identificadas, detalhando a fundamentação dessas categorias. Como se verá, foram identificadas oito construções de adjetivo adverbial no nível mais alto da rede (relativamente à representação semântica): (1) duração; (2) grau de esforço/talento requerido para obtenção de um resultado; (3) trajetória; (4) grau/escala; (5) avaliação/juízo de valor; (6) identidade; (7) conformidade; e (8) continuidade temporal.

4.1. Classe 1: VERBO + ADJduração

Inicialmente, identificamos um conjunto de sequências que parecem compartilhar itens adverbiais aparentemente semelhantes, tendo como modificador os itens adverbiais “rápido”, “devagar”, “curto” e “urgente”. As sequências em que se apresentam esses AAs evocam dois sentidos relacionados à duração de determinados eventos, sendo eles: velocidade e brevidade. Quanto ao primeiro sentido, é possível identificar dois representantes que o evocam: “rápido” e “devagar”, como ilustram os exemplos em 4:

- (4) a. Foi planejada para evitar alguns efeitos negativos, como a influência da opinião dos coordenadores ou dificuldades em verbalizar rápido as idéias. (NILC/São Carlos)
- b. No começo, até que era bom, mas hoje tu tem 7 minutos pra ir, se tu for duas vezes tu tem que repartir os 7 minutos, tu tem que ir ligeiro, e ainda o banheiro era longe, 1 ou 2 minutos pra tu chega lá. (Corpus Brasileiro)
- c. Chega na segunda a gente, acha que a semana vai passar devagar. (C-Oral Brasil)
- d. Vai entrando devagar. (Museu da Pessoa)

Os dados em (4) denotam ações, como verbalizar, ir, passar ou entrar, quanto à velocidade de realização desses eventos. No entanto, em (4d) há tanto a possibilidade de denotar a ocorrência de um evento por etapas, o que acaba por ocasionar lentidão para obtenção do resultado final, quanto o significado evocado nos outros exemplos¹⁰. Especificamente, entendemos que é possível capturar o sentido evocado nos exemplos por meio da seguinte formulação: *evento denotado pelo verbo ocorre em uma velocidade denotada pelo adjetivo adverbial*.

No entanto, outros dados coletados não necessariamente indicam a velocidade de ocorrência de um evento, mas sim é caracterizado pela existência de um cenário no qual o evento denotado pelo verbo ocorre pouco tempo depois de uma situação prévia, que funciona como estímulo ou ponto de

¹⁰ Se uma determinada pessoa dirige o enunciado em (4d) para modelos em um desfile, provavelmente esses modelos vão entrar um por vez e não necessariamente caminhando lentamente; porém, se uma determinada pessoa dirige o mesmo enunciado para noivos em um casamento, provavelmente esses noivos vão entrar caminhando lentamente e não necessariamente um por vez.

referência, sendo essa brevidade temporal evocada pelo adjetivo adverbial. São representantes desse sentido os modificadores “rápido”, “curto” e “urgente”.

- (5) a. Mas a certeza de que levaria um tombo cinematográfico (além de perder alguns votos no local) fez com que Britto pensasse rápido. (NILC/São Carlos)
- b. De quebra, ainda devolvia rápido a bola para a resposta imediata dos atacantes são-paulinos. (NILC/São Carlos)
- c. Na hora de responder, também responde curtinho como no 'Jornal Nacional' para a gente perguntar mais, né? (NILC/São Carlos)
- d. Me atenderam urgente. (Museu da Pessoa)

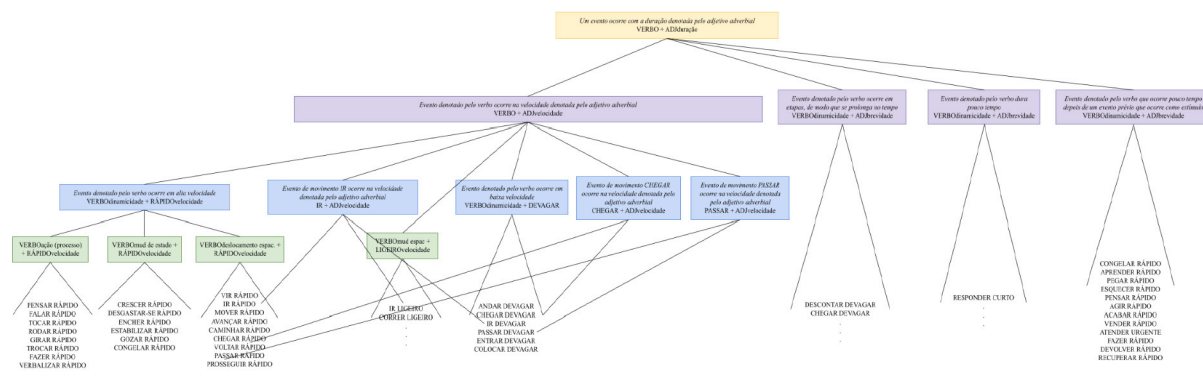
Os exemplos em (5) apresentam o sentido de que os eventos evocados pelos verbos “pensar”, “devolver”, “responder” e “atender” ocorreram imediatamente após um evento anterior, e não (necessariamente) em alta velocidade, visto que é possível que os processos evocados tenham sido lentos ou transcorram em velocidade normal. Sendo assim, todas as sequências aqui abarcam o sentido de um *evento denotado pelo verbo que ocorre pouco tempo depois de uma situação prévia*.

No entanto, essa análise está muito centrada no modificador, assim como toda a proposta e arquiteturas posteriores neste artigo. É importante apontar que o conhecimento linguístico abarcaria também construções intermediárias com o *slot* do verbo preenchido e com a especificação do tipo de modificador. Por exemplo, há também a perspectiva do verbo “ir” (IR RÁPIDO, IR LIGEIRO e IR DEVAGAR) que está sob o domínio do sentido de *evento de movimento IR ocorre na velocidade denotada pelo adjetivo adverbial*, o que permitiria a postulação de uma construção semiesquemática.

Sendo assim, a arquitetura seria como na figura em 4, cuja visualização pode ser melhorada através do link: <https://sites.google.com/view/smadelino/mestrado/arquitetura-qualitativa#h.3kh8bqx3m0ai>.

É possível ver que as sequências previamente mencionadas levam à abstração de mais de uma categoria. Assim, IR RÁPIDO pertence ao agrupamento de exemplares semanticamente semelhantes quanto ao verbo denotando deslocamento espacial combinado com o adjetivo adverbial «rápido» no sentido de velocidade ([VERBOdeslocamento espacial + RÁPIDOvelocidade]), por exemplo, mas também pertence ao agrupamento de exemplares semanticamente semelhantes quanto ao verbo “ir” combinado com um modificador na forma adjetival no sentido de velocidade ([IR + ADJvelocidade]). Uma representação que considera simultaneamente essas duas perspectivas seria certamente a ideal, na medida em que permitiria capturar a pluralidade semântica de cada sequência associada à CAA. No entanto, há um limite à clareza de uma representação do tipo em virtude do excesso de informações visuais indicadas em uma imagem pequena e em duas dimensões. Em prol da compreensão e da compreensibilidade visual, as próximas representações não considerarão as abstrações centradas no *slot* verbal.

Figura 4: Arquitetura de um evento ocorre com a duração denotada pelo adjetivo adverbial [VERBO + ADJduração]



Fonte: Elaboração dos autores.

4.2. Classe 2: VERBO + ADJ grau de esforço/talento requerido para obtenção de um resultado

Neste segundo grupo, estão abrangidas as sequências que evocam o sentido de *evento que ocorre na presença ou ausência de um dado obstáculo*. O modificador presente nesses exemplares são “difícil”, “fácil” e “claro”. No entanto, nas sentenças a seguir é possível identificar nuances de significado mais específicas:

- (6) a. Pois o Enéas é professor universitário, é louco e fala difícil. (NILC/São Carlos)
- (7) a. Vamos falar claro e sem cerimônia sem o Fundo Social de Emergência não haverá condições de combater o pior de todos os impostos, que é a inflação. (NILC/São Carlos)
- (8) a. É o que vem fácil, né. (C-Oral Brasil)
b. Até então, a Argentina vinha ganhando fácil, o que ficou comprovado na sua classificação em oito provas no total. (NILC/São Carlos)
c. Mas depois dos anos, isso vai acabar, deteriorando fácil. (C-Oral Brasil)
d. Porque daí sai fácil. (C-Oral Brasil)
- (9) a. Em São Paulo, Rivaldo faz um gol sensacional, fica entusiasmado e de repente seu adversário, Zé Elias, dá-lhe um cartão, exigindo que ele jogue simples para não desrespeitar o time do Corinthians. (NILC/São Carlos)

Nos exemplos, há dois tipos de cenas descritas: em (6) e (7), temos eventos de comunicação realizados com ou sem obstáculos interferindo na interpretação do interlocutor; em (8) e (9), temos eventos que indicam algum tipo de mudança que ocorre sem obstáculos. Em específico, é possível ir além com os exemplos em (8): (8a) e (8d) denotam a falta de obstáculos em um determinado deslocamento espacial, enquanto (8b) e (8c) evocam a falta de obstáculos em um evento de mudança de

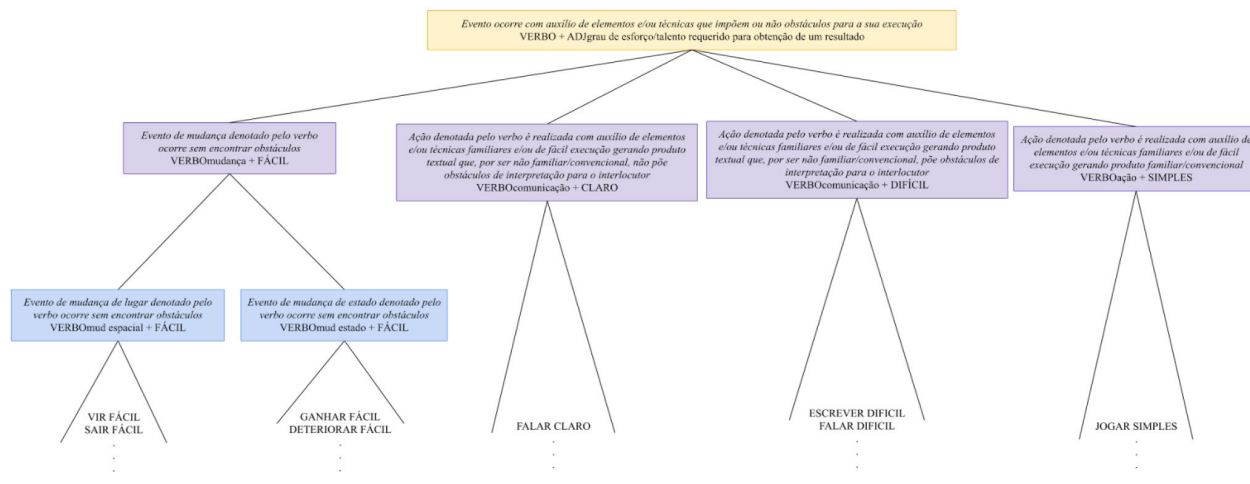
estado. Assim como (9) pode ser mais específico e não só evocar um evento que ocorre sem obstáculos, mas também que a realização desse evento ocorre com auxílio de técnicas e/ou conhecimentos convencionais de modo a gerar um produto (jogadas, nesse caso) também convencional.

Sendo assim, a arquitetura desses exemplares recém descritos pode ser ilustrada por meio da figura 5, cujas informações podem ser ampliadas e mais bem visualizadas neste link <https://sites.google.com/view/smadelino/mestrado/arquitetura-qualitativa#h.6c0n51stfz7m>.

Ainda que existam quatro grandes categorias que distinguem os modificadores “fácil”, “claro”, “difícil” e “simples”, como ilustrado pela figura (respectivamente, *evento de mudança denotado pelo verbo ocorre sem encontrar obstáculos*; *evento de comunicação denotado pelo verbo não põe obstáculos de interpretação para o interlocutor*; *evento de comunicação denotado pelo verbo põe obstáculos de interpretação para o interlocutor*; e *ação denotada pelo verbo é realizada com auxílio de elementos e/ou técnicas familiares e/ou de fácil execução gerando produto familiar/convencional*), é possível capturar um sentido geral pertencente a todos a partir da seguinte ideia: *evento ocorre com auxílio de elementos e/ou técnicas que impõem ou não obstáculos para a sua execução*.

Nessa arquitetura, os exemplares mais concretos (como VIR FÁCIL e FALAR CLARO) se entendem como eventos que ocorrem na presença ou ausência de um dado obstáculo com auxílio de elementos e/ou técnicas com um grau determinado de familiaridade e/ou de facilidade de execução, gerando um produto com um grau determinado de familiaridade/convencionalidade.

Figura 5: Arquitetura de VERBO + ADJgrau de esforço/talento requerido para obtenção de um resultado



Fonte: Elaboração dos autores.

4.3. Classe 3: VERBOMudança espacial + ADJtrajetória

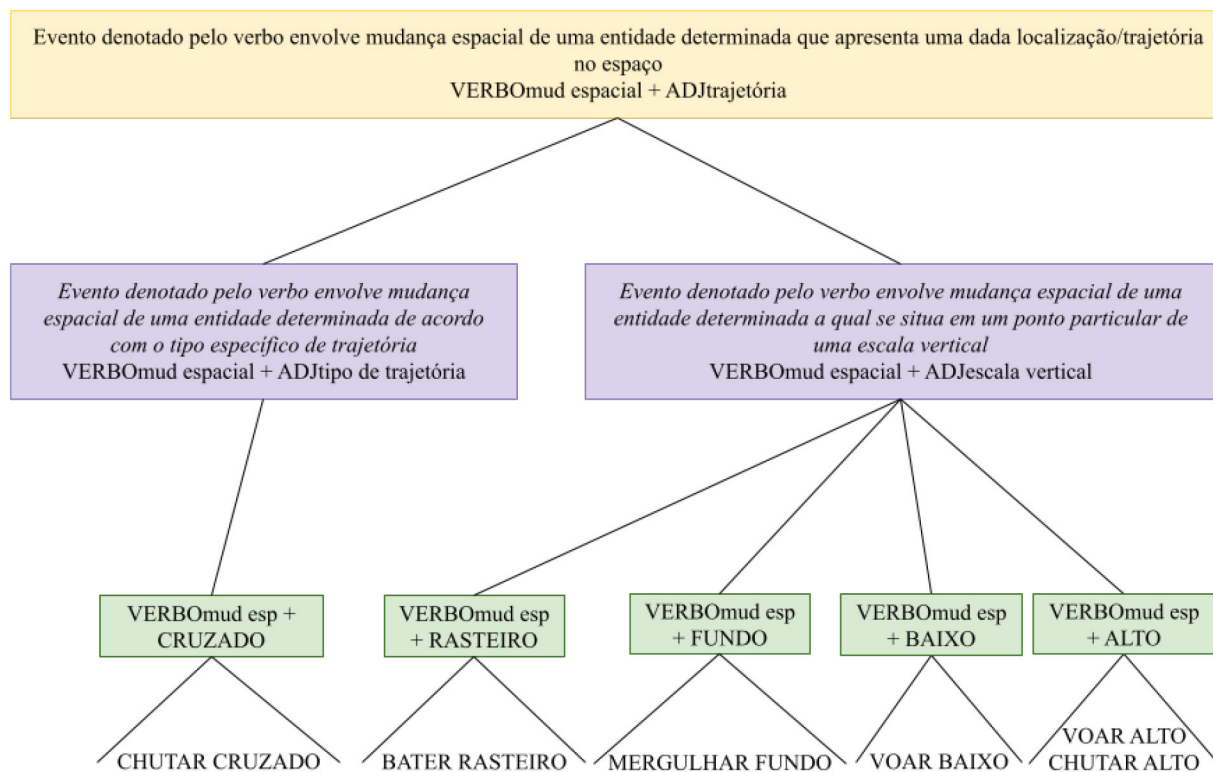
Em seguida, identificamos sequências que parecem compartilhar o sentido de *um elemento que ocorre considerando a posição em um determinado eixo*, tendo como modificador “rasteiro”, “cruzado”, “baixo”, “alto” e “fundo”. É possível capturar nuances em relação a essa escalaridade a partir dos seguintes exemplos:

- (10) a. A primeira ele errou, mas fez as outras duas voarem alto sobre o terreno. (NILC/São Carlos).
- b. Numa cobrança de falta, Ryuler chutou alto, no canto esquerdo de Zetti, que fez uma grande defesa. (NILC/São Carlos)
- c. Otan muda estratégia de ataque das agências internacionais Os pilotos da Otan estão adotando uma estratégia de ataque mais arriscada, voando baixo para atingir tanques e sistemas de defesa antiaérea. (Corpus Brasileiro)
- (11) a. Viola voltou a marcar aos 29 min, batendo rasteiro, no canto direito, de fora da área. (Corpus Brasileiro)
- b. Casagrande o ultrapassou pedindo a bola, mas em vez de fazer o passe, Viola chutou forte, cruzado, da entrada da área. (C-Oral Brasil)
- c. Mas tinha também quem fosse ainda mais fundo. (NILC/São Carlos)
- d. Cris, como é carinhosamente chamada por todos na redação, mergulhou fundo num universo fascinante: o dos intelectuais e pesquisadores que se dedicam a estudar os rumos da educação. (Corpus Brasileiro)

As sentenças (10) apresentam “alto” e “baixo” como uma posição dentro de uma escala espacial, o que parece se sincronizar com a semântica verbal (movimento), que tem como aspecto ressaltado a relação com o espaço. Por exemplo, em (10a), uma determinada entidade (“as outras duas”) realiza a ação (aparentemente metafórica) de voar (que evoca um movimento em um espaço aéreo). Aqui, o adjetivo adverbial serve para definir a posição da entidade (e, consequentemente, da ação que ela realiza) dentro dessa escala espacial.

Na sentença (11a), o evento de bater ocorre em uma posição inferior, denotado pelo modificador “rasteiro”, em uma escala vertical quanto ao espaço. Já a sentença (11c) denota a ação de ir especificando que existe, em um plano vertical, uma longa distância (possivelmente metafórica) entre o início da escala e o ponto em que se localiza o referente do sujeito. O dado (11d) descreve uma situação em que o evento de mergulhar se desenrola até um ponto distante do início de um plano vertical. Nesses casos, apenas (11b) não se assemelha com as descritas anteriormente em virtude da falta de relação com um plano vertical ou horizontal, ainda que mostre uma relação com um espaço quanto à trajetória/direção. Portanto, podemos entender que a arquitetura para as sequências aqui descritas é como ilustra a figura 6:

Figura 6: Evento denotado pelo verbo que envolve mudança espacial de uma entidade determinada que apresenta uma dada localização/trajetória no espaço [VERBOMudança espacial + ADJETIVO ADVERBIALtrajetória]



Fonte: Elaboração dos autores.

Sendo assim, é possível capturar dois grandes sentidos a partir do conjunto fornecido: um evento denotado pelo verbo envolve mudança espacial de uma entidade determinada de acordo com o tipo específico de trajetória ([VERBOMud espacial + ADJETIVO ADVERBIALtrajetória]); um evento denotado pelo verbo envolve mudança espacial de uma entidade determinada a qual se situa em um ponto particular de uma escala vertical (VERBOMud espacial + ADJETIVO ADVERBIALEscala vertical]). Por fim, essas duas semânticas se assemelham por evocar um *evento denotado pelo verbo que envolve mudança espacial de uma entidade determinada que apresenta uma dada localização/trajetória no espaço* ([VERBOMudança espacial + ADJETIVO ADVERBIALtrajetória]). No entanto, nem todos os usos de “alto” e “baixo” que coletamos se combinam com verbos de mudança espacial e nem mesmo evocam a localização ou trajetória em um espaço determinado.

4.4. Classe 4: VERBO + ADJgrau/escala

Nesse grupo, identificamos sequências que por mais que, em um primeiro momento, sejam semelhantes ao grupo anterior, não compartilham plenamente o sentido ali evocado. Aqui os adjetivos adverbiais “alto” e “baixo” se apresentam em cenários que se assemelham mais aos contextos com

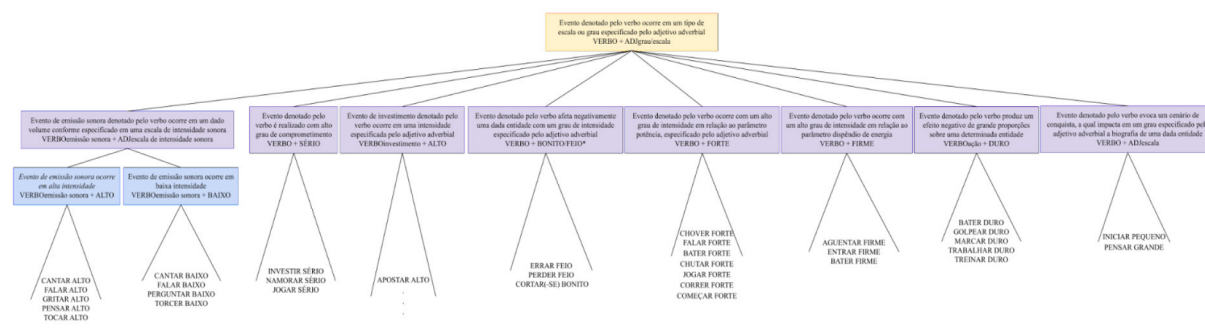
os modificadores “pequeno” e “grande” do que àqueles com “cruzado”, “rasteiro” e “fundo”. Os exemplos a seguir expõem essas distinções:

- (12) a. Um amigo meu se tranca no carro, liga o ar-condicionado, põe som no volume mais alto e canta mais alto ainda, disse um dos participantes dos encontros promovidos pela agência da publicidade. (Corpus Brasileiro)
- b. Quem ganhou pagou caro, quem apostou alto perdeu feio. (NILC/São Carlos)
- c. Se não conseguir, já decidi: cruzará os braços na briga de Serra com a petista Luiza Erundina -- torcendo baixinho por ela, é claro. (NILC/São Carlos)
- d. Não adianta cinco ou seis treinarem duro e o resto continuar levando na brincadeira. (NILC/São Carlos)
- e. Pensando grande, iniciando pequeno. (NILC/São Carlos)
- f. Cortei bonito. (C-Oral Brasil)
- g. Pouco atento à cobertura que se limitou a « flashes », no domingo, o SBT perdeu feio. (NILC/São Carlos)
- h. Marcelinho toca para Souza, cara a cara com o goleiro, que chuta forte para a defesa de Roberto. (NILC/São Carlos)
- i. Digital entra firme no mercado de micros pessoais; fabricantes de chips mostram suas armas contra a Intel. (NILC/São Carlos)
- j. Se o Brasil começar investir mais sério nessa questão da educação, ou se não investir mais sério, a gente vai conseguir fazer muito pouco para o potencial do país ir pra onde deveria como fez Coréia, como fez outros países. (Museu da Pessoa)

Apesar da diversidade de modificadores desses exemplos, as sentenças em (12), de alguma maneira, graduam o evento em questão. Em (12a) e (12c), os modificadores se associam a verbos de expressão comunicativa – seja em forma de canto, seja em forma de estado de ânimo que se expressa na comunicação –, indicando a posição superior ou inferior em uma escala ligada à percepção auditiva. Já os exemplos (12b) e (12j) indicam eventos de investimento que são realizados de modo tal que um determinado recurso é empenhado em grande quantidade nesse evento. Em (12d) e (12i), os modificadores “duro” e “firme” especificam a intensidade de algum evento incluído no *frame* associado às ações denotadas quanto ao grau de intensidade do golpe ou à firmeza.

Por sua vez, em (12e), os verbos “iniciar” e “pensar” evocam um cenário de busca pela obtenção de um resultado. Nesse cenário, os modificadores “pequeno” e “grande” indicam que proporção do resultado esperado foi alcançada. Já as sentenças (12f-g) denotam os eventos que afetam negativamente uma dada entidade, e a intensidade dessa afetação é especificada pelos adjetivos adverbiais “bonito” e “feio”, que não têm aparente diferença semântica. Por fim, em (12k-l), os eventos de investir, namorar e jogar são realizados com alto grau de comprometimento e esse alto grau é denotado pelo adjetivo adverbial “sério”. Na figura a seguir, ilustramos, então, como é a arquitetura referente às sequências englobadas por esses sentidos:

Figura 7: Arquitetura de evento denotado pelo verbo ocorre em um tipo de escala ou grau especificado pelo adjetivo adverbial [VERBO + ADJgrau/escala]



Fonte: Elaboração dos autores.

A figura 7 está em melhor definição no link clicável a seguir:

<https://sites.google.com/view/smadelino/mestrado/arquitetura-qualitativa#h.8xwwonlpvvd9>.

Nessa arquitetura, percebemos que algumas sequências podem ser agrupadas quanto à semântica do verbo, como vemos no lado esquerdo da imagem, mas todas se irmanam em pequenos grupos (em roxo) quanto ao tipo de tipo ou grau evocado pelo adjetivo adverbial, para enfim poderem ser entendidos todos (em amarelo) a partir da seguinte formulação: *evento denotado pelo verbo evoca em um tipo de escala ou grau especificado pelo adjetivo adverbial*.

4.5. Classe 5: VERBO + ADJjuízo de valor

Seguindo em frente, há sequências com AAs que parecem compartilhar o sentido de *avaliação ou juízo de valor*, sendo esses advérbios “bonito”, “feio”, “legal”, “ruim” e “gostoso”. No entanto, dois desses modificadores já foram interpretados como um tipo de intensificador na subseção anterior, e ali usamos como exemplo o mesmo dado presente a seguir. Isso foi feito porque, de fato, a sentença “Cortei bonito” pode designar um evento em que uma entidade é negativamente afetada de forma intensa (sendo esse grau de intensidade especificado pelo adjetivo adverbial), como em um contexto de machucado. No entanto, a mesma proposição em um contexto distinto pode desenhar uma cena diversa, como exemplificam os dados a seguir.

- (13) a. Cortei bonito. (C-Oral Brasil)
- b. Tem gente achando que as Olimpíadas de antigamente pareciam ter mais drama, emoção, eram mais humanas e o novo ídolo da turma é o Emile Zatopek, a Locomotiva, queixo de quilha, correndo feio, desconjuntado, para abocanhar todo o ouro olímpico das provas de longa e longuíssima distâncias. (NILC/São Carlos)
- c. Ele era melhor para cantar e escrever do que eu, só que eu fazia correria, eu queria era divulgar, aí nós marcamos apresentação no colégio, fomos cantar, aí ele cantou legal, eu cantei ruim, mas aí eu marquei outra ele não foi. (Museu da Pessoa)

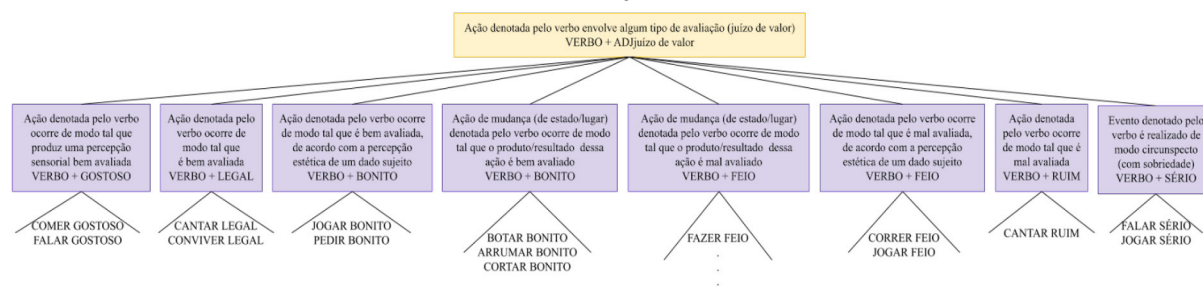
- d. Ele era melhor para cantar e escrever do que eu, só que eu fazia correria, eu queria era divulgar, aí nós marcamos apresentação no colégio, fomos cantar, aí ele cantou legal, eu cantei ruim, mas aí eu marquei outra ele não foi. (Museu da Pessoa)
- e. Mãe, hoje a gente vai comer gostoso, hoje a gente vai comer galinha. (Museu da Pessoa)
- f. Com um time de primeira, a mostra afasta dúvidas, falando sério sobre um assunto difícil: a pintura hoje. (NILC/São Carlos)

Em (13a), o evento de corta se referido a, por exemplo, uma fatia de bolo de aniversário pode indicar que a ação foi realizada de tal modo a gerar um resultado de um determinado grau de agradabilidade, que é compartilhado até certo grau com o modificador “feio” em (13b). Já em (13c), há uma cena em que uma determinada entidade realiza a ação de correr de modo a causar uma impressão negativa em quem assiste. Vale a pena salientar que, como citado na subseção anterior, “feio” e “bonito” parecem exibir uma diferença semântica extremamente sutil quando estão sendo utilizados como indicadores de um grau de intensidade. O mesmo não é verdade, contudo, nos casos em que indicam a avaliação de um processo ou de um produto/resultado. O teor avaliativo desses dois modificadores se distingue quanto à positividade/agradabilidade ou à negatividade/desagradabilidade causada pelo processo ou produto/resultado desse processo.

A ideia de avaliação positiva presente nos exemplares com “bonito” também é compartilhada pelos exemplares com o item adjetivo adverbial “legal”, exemplificado em (13d). Ali o evento de conviver ocorre também de maneira tal que é bem avaliado por quem teve algum contato com a experiência. No entanto, percebemos uma distinção quando comparamos frases como, “Até que convivíamos legal no internato” ou “*Até que convivíamos bonito no internato”, em que há gramaticalidade em apenas uma delas. Nessa comparação, é possível perceber que, com o verbo “conviver”, não há nenhum aspecto visual passível de avaliação, a impressão deve ser transmitida a partir de uma perspectiva que não leve em conta a agradabilidade estética. O mesmo acontece entre o modificador “ruim” e “feio”, em que (13d) apresenta o evento de cantar como realizado de modo tal que gera uma avaliação negativa por parte de quem ouve sem um apreço estético.

Já na sentença (13e), a ação de comer produz uma avaliação sensorial positiva por parte de quem a realiza, enquanto (13f) descreve uma cena em que uma determinada entidade (“a mostra”) realiza um evento (representado pelo verbo “falar”, que aqui é entendido metaforicamente) de forma não jocosa, leve ou descontraída (e sim de modo circunspecto, com sobriedade). Em suma, entendemos que a representação para todas as sequências apresentadas nesta subseção é aquela presente na figura 8:

Figura 8: Arquitetura de ação denotada pelo verbo envolve algum tipo de avaliação (juízo de valor)
[VERBO + ADJjuízo de valor]



Fonte: Elaboração dos autores

A figura 8, que pode ser mais bem visualizada em:

<https://sites.google.com/view/smadelino/mestrado/arquitetura-qualitativa#h.ge30lj71121y>,

representa a seguinte situação: as sequências mais concretas levam à abstração de sentidos que envolvem o tipo de avaliação denotado pelo adjetivo adverbial, porém todos esses sentidos têm em comum a ideia de que uma ação denotada pelo verbo envolve algum tipo de avaliação (juízo de valor), o que corresponde à construção gramatical esquemática [VERBO + ADJjuízo de valor].

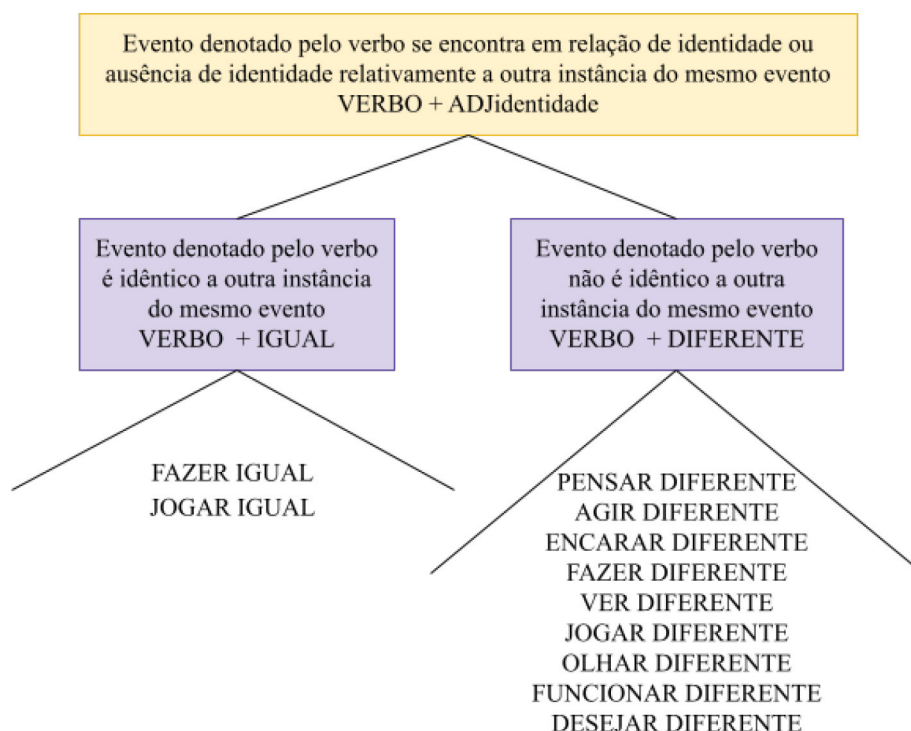
4.6. Classe 6: VERBO + ADJidentidade

Outros adjetivos adverbiais se apresentam em cenários com sentidos diferentes daqueles analisados até agora, como “igual” e “diferente”, que parecem evocar *a identidade ou a ausência dela de acordo com o modificador*. Nos exemplos a seguir, as semânticas se tornam mais compreensíveis:

- (14) a. Lamentavelmente, o Parlamento não dá motivos suficientes para que a população pense diferente. (NILC/São Carlos)
- b. E resolvi que eles deviam jogar igual. (Museu da Pessoa)

Em (14a), há uma determinada entidade (“a população”) que realiza a ação cognitiva de pensar de modo tal que essa ação não está em conformidade com outra(s) instância(s) da mesma ação (isto é, com o pensamento original/convencional). Já em (14b) evoca-se um cenário no qual um evento (jogar) é realizado por uma entidade (“eles”) e está em conformidade com uma outra instância do mesmo evento (o jogo realizado originalmente). Logo, as sequências em que se apresentam ambos os modificadores encenam um evento denotado pelo verbo que se encontra em relação de (ausência de) identidade quanto a outra instância do mesmo evento, conforme representado pela figura 9.

Figura 9: Arquitetura de evento se encontra em relação de identidade ou ausência de identidade relativamente a outra instância do mesmo evento [VERBO + ADJ_{identidade}]



Fonte: Elaboração dos autores.

A figura 9 apresenta as sequências mais concretas (como FAZER IGUAL, PENSAR DIFERENTE etc) agrupadas de acordo com o sentido semelhante adotado (identidade para “igual” e ausência de identidade para “diferente”), permitindo a abstração de um nível (roxo) representante dessas semelhanças. A abstração dessas construções que evocam esses sentidos leva a um nível mais genérico de sentido, representado em amarelo, que é não marcado quanto à presença ou ausência de identidade.

4.7. Classe 7: VERBO + ADJ_{conformidade}

De forma semelhante à classe anterior, os modificadores (“direito”, “certo”, “correto”, “errado” e “normal”) que aqui são analisados evocam a ideia de *(ausência de) conformidade entre uma ocorrência particular de uma determinada situação e um determinado parâmetro avaliativo*. Os exemplos a seguir ilustram bem:

- (15) a. existe, essa formataçãozinha, de inserir as logos, as cores, e, as informações, certo, direitinho, e, o mais importante é, na verdade, depois que, tá pronto (C-Oral Brasil)
- b. Sentado na cama, Rodrigo contemplava o irmão sem compreender direito o que ele pretendia fazer. (Corpus Brasileiro)
- c. E coube certinho. (Museu da Pessoa)

- d. Eu não lembro certo, mas eu lembro que no começo do grupo a gente faziam reunião todas as sextas-feiras e até foi uma coisa que marcou bastante porque você marcar uma reunião sexta-feira, em São Paulo, oito da noite e você conseguir que 20, 30 pessoas compareçam não é fácil. (Museu da Pessoa)
- e. O Império se utilizou da educação para ampliar seus domínios, porém, nesse caso, viu-a como possibilidade de organizar uma cidade onde o cidadão tivesse consciência de agir correto. (Corpus Brasileiro)
- f. Então eu falei erradíssimo. (C-Oral Brasil)
- g. Tem as entradas, mas saem normal. Não fazem nenhuma violência? Não. Eles entram e saem, se tiver como passar eles passam. (Museu da Pessoa)

Nesses exemplos, podemos captar pelo menos duas semânticas evocadas pelas sequências em que se apresenta o modificador “direito”: a primeira em (15a) indica que uma ação denotada pelo verbo “inserir” é realizada consoante com certos parâmetros avaliativos subjetivos (pertencentes ao locutor) quanto à realização desse tipo de ação; e a segunda em (15b) indica uma determinada entidade (“Rodrigo”) que participa de uma experiência determinada (“compreender”) de modo tal que o tipo de apreensão mental associada a ela não se dá em conformidade com certos parâmetros avaliativos¹¹. Algo levemente distinto ocorre em (15c) ainda que não tenhamos muito contexto linguístico para além de três palavras: aqui, uma determinada entidade participa do estado de caber conforme parâmetros explicitados linguisticamente na sentença pelo próprio verbo (espaço requerido para que se possa considerar como “cabido”).

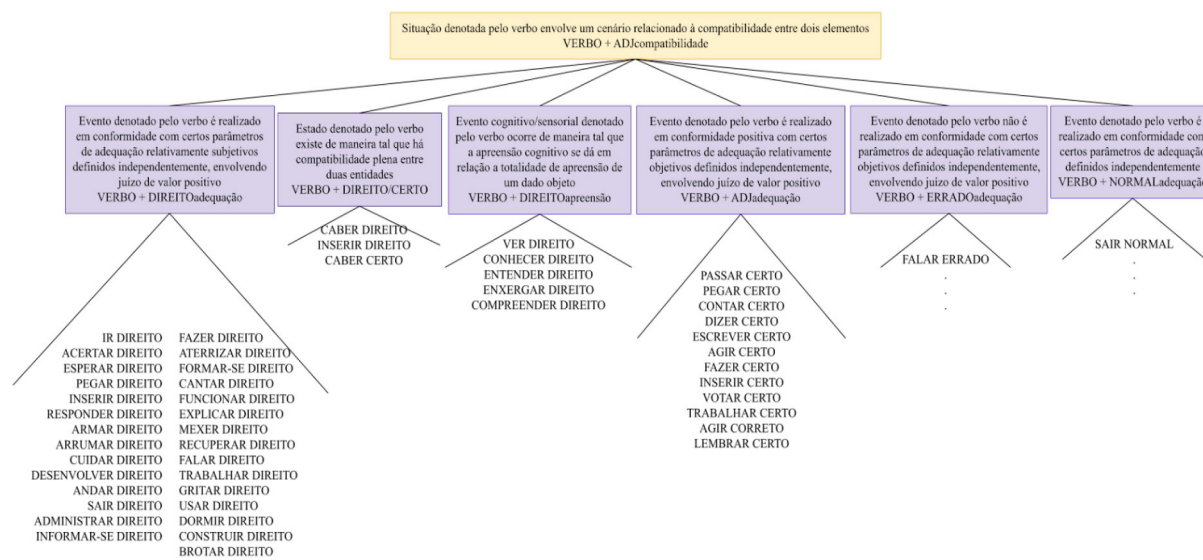
Já em (15d), uma determinada entidade (“eu”) não participa de um determinado evento (“lembrar”) de maneira tal que esteja segundo parâmetros externos referentes à quantidade e qualidade de informação adequadas para que o produto desse evento (isto é, a lembrança) seja avaliado positivamente (como denota o modificador “certo”). Por fim, os exemplos (15e) e (15f) indicam que a realização de uma determinada ação (denotada por “agir” e “falar”) está conforme parâmetros objetivos independentes, de modo que essa realização é avaliada positivamente (como denota o modificador “correto”) ou negativamente (como denota o modificador “erradíssimo”) por uma determinada entidade (“O Império” e “eu”). Algo semelhante ocorre com “normal”, porém sem o caráter positivo/negativo: há uma determinada ação (“sair”, “agir” ou “falar”) que é realizada em compatibilidade com certos parâmetros independentes de adequação (como as atitudes psicofísicas de uma entidade durante um movimento, o processo de realização de uma ação ou os aspectos intersubjetivos presentes em uma interação), definidos pela experiência coletiva quanto à realização das ações em questão.

Podemos então entender que todos os adjetivos adverbiais propostos para esta subseção têm em comum a evocação de um cenário em que se verifica a compatibilidade (ou falta de compatibilidade)

¹¹ É importante apontar que não é nosso objetivo identificar diferenças semânticas entre adjetivos adverbiais com ou sem o sufixo “-inho”. Assumimos aqui que se trata de formas plenamente intercambiáveis, porém concordamos que seja necessário um estudo de caso para identificar possíveis diferenças de sentido evocadas por cada forma.

entre dois elementos – uma ideia geral que está capturada pela construção esquemática [VERBO + ADJconformidade]. Na figura 10, é possível compreender como, por fim, se organizam em uma arquitetura todos esses exemplares (com seus respectivos valores semânticos), entendidos como construções abstraídas a partir de itens mais específicos.

Figura 10: Arquitetura de situação envolve um cenário relacionado à conformidade entre dois elementos [VERBO + ADJconformidade]



Fonte: Elaboração dos autores.

Assim como nas figuras anteriores, é possível visualizar a arquitetura referente à construção [VERBO + ADJconformidade] no link a seguir:

<https://sites.google.com/view/smadelino/mestrado/arquitetura-qualitativa#h.a.l1ihhjt8jiu>.

Nessa representação, será possível visualizar com clareza que os exemplares mais concretos se agrupam em pequenos aglomerados em virtude dos sentidos que compartilham, sendo esses sentidos representados como construções em um nível mais abstrato (em roxo). Essas construções intermediárias também compartilham novos sentidos (menos específicos), o que permite a emergência de construção mais esquemática (em amarelo) que abrange todas as construções sob esse domínio a partir de uma definição única: *situação denotada pelo verbo envolve um cenário relacionado à compatibilidade entre dois elementos* [VERBO + ADJconformidade].

4.8. Classe 8: VERBO + DIRETO

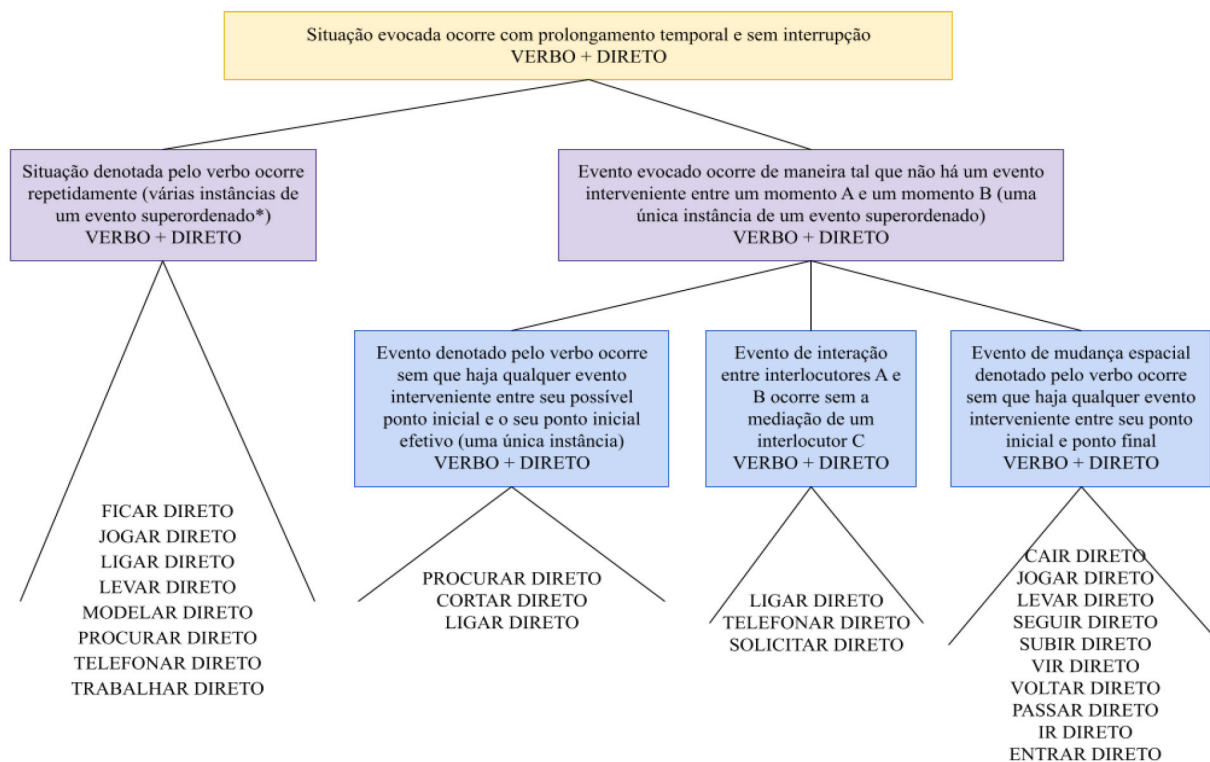
Por fim, o modificador “direto” pode encenar duas situações distintas: *o modo de realização de um evento é do tipo contínuo ao longo do tempo*; e *o modo de realização de um evento é do tipo sem intermediários ou obstáculos*. As particularidades semânticas específicas às sequências nas quais esse adjetivo adverbial se apresenta serão mais bem entendidas a partir dos exemplos a seguir:

- (16) a. A Bárbara levava direto mais eu... (Museu da Pessoa)
 b. A gente conversa por horas e horas, ela liga direto para o meu micro. (NILC/São Carlos)
 c. Numa das primeiras cenas, o venerável Lama Norbu (Ying Ruocheng) sai de seu mosteiro local alheio ao tempo e cai direto em Seattle. (NILC/São Carlos)

Em (16a), a sequência pode indicar tanto que o evento de levar é realizado como várias instâncias de um mesmo evento sem interrupção ao longo do tempo, quanto que esse evento é realizado de forma contínua, sem interrupção ao longo do tempo. Já, em (16b), é possível ter dois tipos de interpretação: uma entidade (“ela”) que realiza a ação de ligar tendo como destinatário um determinado elemento (“o meu micro”) de modo tal que o curso da ação não é interrompido por qualquer elemento externo; ou uma determinada entidade (“ela”) realiza o evento de ligar tendo como destinatário um determinado elemento (“o meu micro”) sem que haja um terceiro elemento que, tendo uma função mediadora, propicie a conclusão do processo.

No entanto, a sentença (16c) nos apresenta a uma quarta leitura do modificador “direto” e que, em alguma medida, pode ser aplicada aos exemplos (16a) e (16b) pela falta de contexto expandido: um determinado indivíduo (“Lama Norbu”) passa pela experiência de cair em um determinado espaço (“Seattle”) sem que um outro elemento espacial ocorra entre o início e o fim do processo de cair. Podemos, então, representar a arquitetura associada às sequências aqui apresentadas como na figura 11:

Figura 11: Arquitetura de situação ocorre com continuidade temporal e sem interrupção [VERBO + DIRETO]



Fonte: Elaboração dos autores.

Nessa figura, encontramos, na parte inferior, as sequências inteiramente preenchidas descritas acima organizadas de maneira tal que indicam quais aspectos semânticos são compartilhados entre elas. Acima dos agrupamentos de exemplares semelhantes, encontramos os sentidos resultantes dessas semelhanças (em azul e em seguida em roxo) e, por fim, há a construção representativa da semântica abstraída dos sentidos mais específicos de todas as sequências aqui apresentadas.

4.9. A totalidade da nossa representação semântica da Construção de Adjetivo Adverbial

Tendo finalizado a análise introspectivo-qualitativa de todas as sequências coletadas e utilizando-a como base, compreendemos que a CAA engloba semânticas específicas diversificadas e essas semânticas são representadas em vários níveis intermediários na arquitetura da rede construcional, indicando, então, diferentes níveis de especificidade semântica. Além disso, há oito classes semânticas altamente gerais sob o domínio da Construção de Adjetivo Adverbial, sendo configuradas na arquitetura como construções, sendo definidas como:

- *um evento ocorre com a duração denotada pelo adjetivo adverbial* [VERBO + ADJduração];
- *evento se encontra em relação de identidade ou ausência de identidade relativamente a outra instância do mesmo evento* [VERBO + ADJidentidade];
- *ação envolve algum tipo de avaliação (juízo de valor)* [VERBO + ADJjuízo de valor];
- *evento ocorre com auxílio de elementos e/ou técnicas que impõem ou não obstáculos para a sua execução* [VERBO + ADJgrau de esforço/talento requerido para obtenção de um resultado];
- *situação envolve um cenário relacionado à compatibilidade entre dois elementos* [VERBO + ADJconformidade];
- *situação ocorre com continuidade temporal e sem interrupção* [VERBO + DIRETO];
- *evento envolve mudança espacial de uma entidade determinada que apresenta uma dada localização/trajetória no espaço* [VERBomud espacial + ADJtrajetória];
- *e evento ocorre em um tipo de escala ou grau especificado pelo adjetivo adverbial* [VERBO + ADJgrau/escala].

Para fins de ilustração, podemos entender então que a representação da Construção de Adjetivo Adverbial seria como na figura 12:

Fonte: Elaboração dos autores.



Em virtude da grandeza dessa representação, disponibilizamos uma visualização mais adequada (e passível de ser amplificada) no seguinte link:

<https://sites.google.com/view/smadelino/mestrado/arquitetura-qualitativa#h.16b3hp2pv22e>.

Aqui evidenciamos que as construções semânticas mais genéricas (em amarelo), abstraídas dos sentidos mais específicos (em ordem decrescente: nível roxo, azul e verde), são fonte de abstração para a construção mais abstrata (Construção de Adjetivo Adverbial).

A distribuição espacial dessas oito construções mais abstratas do modo que está não foi pensada para indicar nenhum grau de prototipicidade, proximidade ou dessemelhança em relação à CAA mais geral. Em uma rede interconectada de itens, não há superioridade, inferioridade, posterioridade e/ou anterioridade porque seriam apenas perspectivas representacionais. A organização arquitetônica é como tal em prol da formatação e da apresentação neste texto.

Por fim, vale a pena pontuar que não é possível considerar como perfeitamente real uma proposição qualitativa realizada introspectivamente por pesquisadores, por mais apurada que seja uma análise do tipo. É necessário ter acesso a usos e categorizações de outros falantes de PB, principalmente se esses falantes têm uma exposição quantitativamente natural em comparação à de um linguista que se debruça sobre um objeto de forma recorrente (SPENCER, 1973). Logo, não só urgem outras pesquisas que se proponham a analisar segundo as diretrizes usadas nesta pesquisa, mas também métodos analíticos que sejam capazes de averiguar a realidade psicológica da organização semântica da CAA no conhecimento linguístico do falante.

5. Considerações finais

Este estudo visou explorar, sob uma perspectiva semântica, a estrutura hierárquica da Construção de Adjetivo Adverbial do PB. Com base nos pilares teóricos da Gramática de Construções Baseada no Uso e da Teoria dos Exemplares, foi desenvolvida a hipótese de que a existência de construções de adjetivo adverbial de nível intermediário, marcadas pela presença de subclasses semânticas específicas, poderia explicar tanto o licenciamento quanto a restrição de certos empregos de AAs. Para testar essa hipótese, procedeu-se inicialmente à análise de dados coletados de *corpora*. A representação proposta para a estrutura da CAA, baseada em uma análise qualitativa, identificou múltiplos níveis intermediários de especificidade, corroborando a hipótese inicial e destacando a existência de oito construções com semântica relativamente abrangente: (1) duração; (2) grau de esforço/talento requerido para obtenção de um resultado; (3) trajetória; (4) grau/escala; (5) avaliação/juízo de valor; (6) identidade; (7) conformidade; e (8) continuidade temporal.

Este estudo introduz contribuições significativas, especialmente no âmbito da representação e da classificação obtida durante a análise. Contudo, é preciso reconhecer as possíveis limitações relacionadas à coleta de dados, à variabilidade contextual dos itens adverbiais analisados e à objetividade das análises qualitativas. Futuras pesquisas deverão abordar essas questões, avançando no entendimento das nuances semânticas que distinguem e aproximam a CAA e outras construções adverbiais, bem como testando empiricamente as propostas aqui feitas.

Em suma, esse trabalho concluiu que a Construção de Adjetivo Adverbial (CAA) abrange um espectro limitado (ainda que amplo e complexo) de categorias semânticas, as quais desempenham um papel crucial tanto no licenciamento quanto na restrição do uso de determinados itens adverbiais. Em um patamar imediatamente inferior à construção mais abrangente da CAA, identificam-se oito subconstruções, correspondentes a um número equivalente de classes semânticas. Os componentes integrantes da CAA não somente se enquadram em categorias semânticas específicas como também exibem uma natureza fortemente relacional, possibilitando a formação de um espectro contínuo de elementos que compartilham características semânticas comuns.

Referências

- ASSUNÇÃO JÚNIOR, M. C. *A ciência precisa falar claro: uma análise em rede da construção [V AA] no português europeu do século XX*. 2022. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português e Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- BARBOSA, M. *Gramaticalização de advérbios a partir de adjetivos: um estudo sobre os adjetivos adverbializados*. 2006. 103 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
- BYBEE, J. From usage to grammar: The mind's response to repetition. *Language*, v. 82, n. 4, pp. 711-733. 2005.
- BYBEE, J; EDDINGTON, D. A usage based approach to Spanish verbs of 'becoming'. *Language*, v. 82, pp. 323-355. 2006.
- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CAMPOS, J. L. de. *A competição entre [verbo ADJETIVO ADVERBIAL] e [verbo X-MENTE] na rede construcional qualitativa do português brasileiro: uma análise centrada no uso*. 2019. 148 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- CAMPOS, J. L. de. *A gramaticalização da construção Xmente: uma história do latim ao português*. 2013. 116 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- CUMÁN, R. R. *Vai dar bom!/: uma análise diacrônica de algumas construções do subesquema [DAR AA] no português brasileiro*. 2022. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.
- FOLTRAN, M. J. G. D. A alternância entre adjetivos e advérbios como modificadores de indivíduos e de eventos. Curitiba: Editora UFPR - *Revista Letras*, n. 81, maio/ago, pp 157-176, 2010.
- GOLDBERG, A.; JACKENDOFF, R. The English resultative as a family of constructions. *Language*, v. 80, n. 3, pp. 532-568, 2004.
- GOLDBERG, A.; GIUDICE, A. Subject-auxiliary inversion: A natural category. *The Linguistic Review*, v. 22, n. 2-4, pp. 411-428, 2005.

HUMMEL, M. *Considerações sobre os Tipos Ela Fala Esquisito e Ela Chega Cansada no Português Coloquial e Literário do Brasil e de Portugal*. Confluência, revista do Instituto de língua portuguesa. Rio de Janeiro: Linceu Literário Português, 2002.

HUMMEL, M. A conversão do adjetivo em advérbio em perspectiva sincrônica e diacrônica. ACTAS DO SEXTO CONGRESSO DA AIL - ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS. (Rio de Janeiro, 08 a 13 de agosto de 1999), http://www.geocities.cm/ail_br/ail.html. 2003.

HUMMEL, M. *Sincronía y diacronía de los llamados adjetivos adverbializados y de los adverbios en -mente*. *Anuario de Letras. Lingüística y Filología* (Universidad Nacional Autónoma de México) I, 2, 2013a, pp. 215-281.

HUMMEL, M. *Attribution in Romance: Reconstructing the oral and the written tradition*. *Folia Linguistica Historica*, 34, 2013b.

JOHNSON, K. Speech perception without speaker normalization. In: JOHNSON; MULLENNIX (eds.) *Talker Variability in Speech Processing*. San Diego: Academic Press, 1996.

LOBATO, L. M. P. Sobre o suposto uso adverbial de adjetivo: a questão categorial e as questões de variação e da mudança linguística. In: VOTRE, S.; RONCARATI, C. (org.). *Anthony Julius Naro e a linguística no Brasil: uma homenagem acadêmica*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008, p. 219-241.

MORAES PINTO, D. C. de. *Gramaticalização e ordenação nos advérbios qualitativos e modalizadores em -mente*. 2008. 199 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

PIERREHUMBERT, J. B. Exemplar dynamics: Word frequency, lenition and contrast. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. *Frequency effects and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

RASO, T.; MELLO, H. (eds) 2012. *C-ORAL-BRASIL I: Corpus de referência do português brasileiro falado informal*. Belo Horizonte: UFMG.

SANTOS, M. C. P. C. dos. *Semiprodutividade construcional: uma investigação empírica sobre as Construções de Adjetivo Adverbial e de Advérbio Canônico do inglês norte-americano*. 2018. 35 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português e Inglês) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

SPENCER, N. J. Differences between linguists and nonlinguists in intuitions of grammaticality-acceptability. *Journal of Psycholinguistic Research* v. 2, n. 2, pp. 83-98, 1973.

TIRADENTES, R. P. *A construção com adjetivo adverbial: investigando sua configuração no português brasileiro no século XX*. 2018. 56 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras - Português e literaturas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

TIRADENTES, R. P. *Adjetivos adverbiais na rede construcional do português brasileiro: uma proposta de categorização bottom-up do padrão [V AA] com sentido qualitativo*. 2021. 197 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

VIRGÍNIO, V. T. A. *Investigando a semiprodutividade construcional: o caso da Construção Circunstancial de Adjetivo Adverbializado do português brasileiro*. 2016. 42 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Letras - Português e Inglês) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

VIRGÍNIO, V. T. A. *A pragmática inerente das construções gramaticais: comparando adjetivos adverbiais e advérbios em -MENTE do português brasileiro*. 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.